

ESCUTA CORPO ESPAÇO: PROJETO DE PARTILHA E ACONTECIMENTO ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO

Cecília Magalhães Clemente
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UniRio
cecimagalhaes@yahoo.com.br

Rodrigo Maia Barbosa Lima
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ
romaiabarli@hotmail.com

Tema: Acontecimento entre arte e educação – o ensino como espaço politizador do corpo.

RESUMO

O projeto *Escuta Corpo Espaço* tem como proposta a criação de um dispositivo essencialmente relacional dentro de uma escola da rede pública de ensino, na periferia do município do Rio de Janeiro. O artigo apresenta elementos do percurso desenvolvido com os alunos até o momento presente (agosto a novembro de 2015) discutindo as relações entre corpo, arte e educação.

PALAVRAS-CHAVE

Escuta, corpo, espaço, escola, experiência.

A concepção do projeto *Escuta Corpo Espaço* se dá a partir de um incômodo e de um questionamento a respeito do lugar que é dado ao corpo na escola. Temos nos deparado com um cotidiano escolar que, invariavelmente, relaciona a aprendizagem à necessidade de controle do corpo e do movimento. Daí o interesse pelo corpo disciplinado, dócil, silencioso – que pouco se relaciona, questiona, se movimenta. Diante desse cenário, dar lugar ao corpo e aos afetos dos quais ele é capaz, compreendê-lo, com Espinosa, a partir do poder de afetar e ser afetado (DELEUZE, 2002), criar condições para produzir encontros – e, a partir destes, fomentar pensamentos, questionamentos, movimentos – é uma proposta que vai de encontro ao que a escola, enquanto dispositivo privilegiado do Estado para educar crianças e jovens, tem solicitado: ajuda especializada para punir mais e com mais eficiência.

A iniciativa do projeto surge de um encontro de desejos a partir da dança e das ideias que nos atravessam enquanto artistas, educadores, psicólogos. O projeto *Escuta Corpo Espaço* cuja proposta geral é a criação de um dispositivo essencialmente relacional dentro da escola, está sendo desenvolvido em uma escola da rede pública de ensino, na periferia do município do Rio de Janeiro desde agosto de 2015, ainda em formato de projeto-piloto.

Entramos nessa escola a partir de um grito de socorro feito pela equipe de professores que nela trabalha: “a violência dos alunos está preocupante, não sabemos mais o que fazer”, dizem em coro. Compreendendo que a violência é uma questão muito mais complexa, não podendo ser localizada de maneira tão simplista e unilateral – como repetidamente ocorre, sendo a responsabilidade

colocada sobre os alunos – e diante desse mal-estar que não é de hoje, oferecemos algo que estava ao nosso alcance: a possibilidade de encontro a partir de uma presença encarnada, interessada e disposta a estabelecer laços.

Paralelo ao pedido de ajuda, constatamos a falta de professores para várias disciplinas, o que fazia com que os alunos tivessem muitos “tempos vagos” durante a semana. É nesse “entre” que entramos: entre uma aula e outra, entre uma falta e outra de algum professor, entre o fim do turno e a saída pra casa. O tempo vago passou a ser, portanto, nosso tempo de trabalho; é quando os alunos nada têm a fazer que podem não fazer nada conosco.

Quem são vocês? São os novos professores? Vocês dão aula de quê? São de alguma ONG? Mas vocês recebem pra estar aqui? Isso dá dinheiro? Quero participar disso aí, onde me inscrevo?”. Nossa presença tem despertado muita curiosidade nos alunos que se aproximam querendo compreender quem somos e o que vamos fazer. Tendemos a não responder de maneira tão objetiva a essas perguntas, rendendo o máximo possível sobre as próprias questões, gerando uma suspensão que mantém a curiosidade deles sobre o que pode acontecer ali. Essa não definição a priori também nos coloca em um estado de atenção que nos permite perceber onde há a possibilidade de um laço com o que eles nos oferecem. Esse desejo de saber sobre o outro e o que vamos fazer juntos, esse lugar estranho, tem produzido momentos bem interessantes.

É no pátio externo onde escolhemos ficar, espaço já ocupado por eles nos tempos vagos seja para jogar futebol ou apenas jogar conversa fora. Chão de cimento, bancos de concreto colados às paredes e dispostos em linha reta..

Mas como fazer ali uma roda para que todos se vejam? Só se sentássemos no chão. Mas o chão é sujo... o que fazer? E se construíssemos algo que servisse pra sentar no chão?

Do material básico que tínhamos, pegamos folhas de papel A4 e propusemos uma atividade que serviria para a construção do que eles chamaram de “banquinhos”. Folha em branco, papéis de bala e chiclete recolhidos do chão, caixa de ovo de papelão ou plástico descartadas pelo refeitório, restos de papel crepom, revista, giz de cera, cola, barbante e fita durex. Chamamos a atenção para as possibilidades de impressão ao sentar sobre o papel no chão, texturas que poderiam produzir nessa folha mesmo antes da colagem ou do desenho. Passamos, então, a explorar em pequenos grupos uma sensibilização a partir da folha de papel: sentados no banco, os alunos iniciavam passando a palma da mão sobre o papel, em seguida o dorso, apenas as pontas dos dedos, a unhas... O que sentem? Há diferença de sensação entre uma parte e outra? Que imagem lhes ocorre? Vão falando: quente, liso, gostoso, nuvem, algodão, dá nervoso, roubar, melhor assim, não sinto nada... Será que conseguimos fazer essa experiência de olhos fechados? Muitos risos e a dificuldade de fechar os olhos por mais de 3 segundos: “a gente vai rezar”?

Passamos, em seguida, as mãos na parede de chapisco. Todos posicionados de frente pra parede com as mãos sobre ela. Alguém se aproxima e diz: “ih, eles vão ser revistados”. Todos riem, mas não se dispersam. Percebemos a diferença e as sensações despertadas. Anunciamos que se trata de uma experiência de sensibilidade. “Sensível é quando pode doer, quando é

frágil... eu sou sensível” diz uma aluna. Experimentamos diferentes pesos e velocidades das mãos sobre a parede verificando quando é bom, gostoso, e quando não, quando quase dói ou arranha, esquenta muito. Compreendemos a partir daí como posicionar o corpo de maneira a obter a sensação que se busca.

A proposta seguinte era então produzir no papel sensação semelhante à que experimentaram na pele das mãos. Passavam o papel na parede com intensidades diferentes produzindo assim, diferentes texturas. Traziam um pouco de parede para o papel, a partir de um gesto (esfregar, pesar) e de uma memória sensorial recém ativada, criando um papel-parede, um papel-pele. Também experimentavam produzir texturas diferentes a partir do que encontravam no espaço: tampa do bueiro com losangos, chão com buracos ou marcas de chiclete, grades, cobogós...

A partir daí podiam utilizar o material disponível para criarem cada um seu trabalho no papel, desenho, colagem, escritos, composições individuais ou coletivas. Observamos que, em geral, essa atividade tem produzido, nos alunos que dela participam, um estado de concentração favorável à experimentação. Muitos só observam num dia e pedem para fazer no outro: “aquela coisa sensível, a textura”, pedem. Convidamo-los a perceber quais são as texturas com as quais convivem no dia-a-dia, nos outros espaços da escola, em casa, na rua. Começam a nos mostrar moedas e olhá-las com grande interesse para os detalhes. Uma aluna tira uma pedra do bolso e mostra, esfregando-a sobre a bochecha: “como é lisinha!” e propõe que nós também experimentássemos a sensação que ela teve. “Deve ter passado muito água por essa pedra pra ela ter

ficado assim. Vou experimentar com outras pedras quando voltar pra casa...”. Novamente as pedras. Dessa vez, não as que vinham sendo atiradas nos ônibus, mas ainda pedras; pedras com diferentes texturas, porosidades, objeto que ao entrar em contato com o corpo torna-se disparador de memórias, de narrativas.

Iniciam projetos individuais após essas experimentações, projetos estes que se desenvolvem ao longo dos encontros pelas semanas: escrever um livro de contos de terror da escola (dizem que ela foi construída sobre um cemitério indígena); montar um livro fazendo colagem de imagens de guerra tiradas de uma revista (um alunos nos conta que seu avô é alemão e viveu a Segunda Guerra). Um outro aluno pega a caixa de ovo e diz: “já sei: vou fazer uma dúzia de texturas!” e se propõe, a cada encontro, a produzir um trabalho novo e guardá-los todos dentro de uma caixa de ovos.

Um grupo de meninos nos mostra suas coreografias de hip hop e rap e incluem, em suas composições, uma sequência de movimentos de pés que ainda nos primeiros dias lhes mostramos e que posteriormente foi nomeado de “palma de pé” por uma aluna. Esse mesmo grupo nos tem chamado para criarmos juntos as frases coreográficas, querem um chão mais próprio, silêncio, alguma privacidade, querem ocupar a sala de aula, mas de outra maneira: afastam as carteiras e criam um grande vazio no meio onde começam a dar estrelinhas e a dançar pelo espaço. Pedem nossa opinião, que lhes demos nota e criam situações de desafio entre duplas.

A criação de um dispositivo relacional com vistas a fazer emergir encontros fora de um padrão proposto pelo dispositivo “escola” (também relacional?), propiciou a criação de um plano intensivo de forças, povoado por afetos diversos. Um campo de troca, de criação de vínculos e de experiência; espaço aberto à construção de uma outra temporalidade, de criação de tempo, de produção de acontecimento. Fazer do “tempo vago” “tempo livre”, como nos apontam Masschelein e Simons (2013), escritores e educadores belgas, ao recuperarem uma das traduções mais comuns para a palavra grega *skholé*, de onde vem a palavra *escola*: “tempo livre”. Livre para experimentar sem a obrigação, o compromisso com um produto; uma suspensão do ritmo produtivo do mundo; um tempo de profanações, de experiência. Diz ele: “tempo livre em que o mundo é partilhado e as crianças e os jovens têm a experiência de serem capazes de começar” (p.131). Mas adverte: essa escola deve ser criada, não está dada.

O projeto apresentado abre espaço para que o sensível, o poético, a estética ganhem terreno e possam ser reconhecidos também no campo da Educação tão pautado hoje em dia por imperativos burocráticos de metas numéricas a serem atingidas, desvinculadas de vínculos, afetos e experiências. Diversas questões têm se colocado como motor cotidiano desse trabalho e é seguindo com elas que nos pomos a caminhar, desenvolvendo nosso processo de investigação/ intervenção. Quantas outras perguntas ainda podemos fazer que possam contribuir para a ampliação dos discursos vigentes, criando outras percepções e gerando novos debates?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. Espinosa: Filosofia Prática. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.